



BLUMENAU

em **CADERNOS**

Março 1983

N. 3

TOMO XXIV

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Março de 1983

Nº 3

SUMÁRIO

Página

Quase dois milhões de passageiros passaram pela Rodoviária em 82	54
Conselho Curador da Fundação se reuniu	55
Homenagem ao cientista Fritz Müller	55
Blumenau: uma nova história	56
Curiosidades de uma época — XX	60
Autores Catarinenses	61
Conceitos e dilemas	62
Um pouco do passado	64
Nosso Arquivo está mudando	67
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	68
Livros novos estão surgindo	74
Relatório da Administração da Fundação "Casa Dr. Blumenau"	75
A opinião dos que nos visitam	79

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Quase dois milhões de passageiros passaram pela Rodoviária em 1982

Um total de 1.843.300 passageiros passaram pela Rodoviária de Blumenau durante o ano passado, segundo revela o relatório anual da SETERB — Serviço Autônomo Municipal de Terminais Rodoviários, entregue dia 9 de março pelo seu diretor engenheiro Luiz Procópio Gomes, ao prefeito Dalto dos Reis. De janeiro a dezembro de 1982, a rodoviária de Blumenau, registrou 754 mil embarques, 768 mil desembarques e um total de 320.791 passageiros em trânsito, segundo o documento.

Quanto ao movimento de destino de passageiros, a Seterb verificou que 1.638.151 pessoas viajaram dentro do Estado de Santa Catarina e 7.381 pessoas utilizaram as linhas interestaduais. Foi registrado também, segundo levantamento diário nas plataformas de embarque, o movimento de 96.736 ônibus, incluindo partidas, chegadas em trânsito, para movimentar este total de passageiros citados acima.

O número de embarques e desembarques no terminal apresentou um declínio de janeiro a outubro de 1.982, em relação ao mesmo período do ano de 1.981, embora se tenha verificado uma evolução nos meses de novembro e dezembro do ano passado, em relação ao ano anterior.

O movimento de passageiros no terminal, entre embarque, desembarque e em trânsito, foi em média de 154 mil pessoas sendo que a maior incidência registrou-se no mês de janeiro, quando foi registrado 186.268 passageiros. A média mensal de embarques foi de 62 mil passageiros.

O documento enviado ao gabinete do prefeito pelo diretor da Seterb diz que Blumenau é servido atualmente por três empresas de transporte de passageiros, por meio de ônibus e mais 157 táxis de profissionais autônomos. No ano passado, a tarifa urbana de transporte rodoviária-centro sofreu um aumento de 80 por cento, isto é de..... Cr\$ 25,00 para Cr\$ 45,00. No início de 1983 a passagem passou para Cr\$ 50,00 por pessoa.

VOCE SABIA — Que nos dias 15 e 16 de dezembro de 1884, o Conde, d'EU, esposo da Princesa Isabel, herdeira do trono imperial do Brasil, esteve em visita à cidade de Blumenau? Que sua chegada deu-se entre 15 e 16 horas do dia 15, viajando de Itajaí a Blumenau a bordo do vapor "Progresso" tendo, à sua chegada no cais do porto, sido recebido festivamente com a participação das bandas de música de Rüdiger e Lingner?

CONSELHO CURADOR DA FUNDAÇÃO SE REUNIU

Os onze membros do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", sob a presidência do sr. João Carlos von Hohendorff, reuniram-se no dia 22 deste mês de março, para tomar conhecimento do relatório elaborado pelo diretor executivo e dos planos e proposta orçamentária para o ano corrente, além de outros assuntos atinentes à administração da instituição.

O jornalista José Gonçalves, na ocasião apresentou amplo relatório das atividades desenvolvidas nos seis anos que está à frente daquela entidade, destacando o trabalho desenvolvido no sentido de apoiar e incentivar o desenvolvimento do interesse cultural da população, com o lançamento dos concursos de contistas e de poetas de Blumenau e que resultaram na publicação de três livros — Contistas de Blumenau I e II e Poetas de Blumenau, assim possibilitou à Fundação participar de co-edições de outros livros e também como editora de algumas obras.

Neste mesmo número apresentamos, na íntegra, o relatório da atual administração, inclusive o movimento registrado nas Bibliotecas "Fritz Mueller" e Ambulante durante o mês de março.

Homenagem ao cientista Fritz Müller

Pela passagem dos 161 anos de nascimento do grande naturalista Fritz Müller, ocorrido a 31 de março de 1822, o Museu Municipal de Ecologia Fritz Müller, a Assessoria Especial do Meio Ambiente — AEMA — e a Associação Catarinense de Preservação da Natureza — ACAPRENA — promoveram expressivas solenidades naquele dia, com o seguinte programa: — Às 16,00 horas — Deposição de coroa de flores no túmulo de Fritz Müller, no Cemitério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana Blumenau-centro. Às 16,45 horas, — Deposição de coroa de flores junto à estátua de Fritz Müller, localizada na Praça do Soas, estudantes e representantes de entidades culturais, prestigiando mais respeitados e admirados cientistas de todos os tempos na comunidade - São Paulo.

Encerrando o programa foi realizada, às 17,30 horas do mesmo dia, a solenidade de abertura de Exposição de fotografias e documentos relativos a Fritz Müller, na sala E-2 do referido Museu. Todas as solenidades programadas contaram com a presença de numerosas pessoas, estudantes e representantes de entidades culturais prestigiando assim a iniciativa que visou mais uma vez dar destaque à memória daquele que viveu a maior parte de sua vida em Blumenau e que daqui irradiou a luz de sua sabedoria ao mundo todo, tornando-se um dos mais respeitados e admirados cientistas de todos os tempos na comunidade universal.

BLUMENAU: UMA NOVA HISTÓRIA

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

Por volta de 1844 Hermann Blumenau, em contacto com o Cônsul Geral do Brasil em Londres, toma conhecimento das nossas riquezas naturais, da fertilidade e imensidão das terras brasileiras — aptas para nelas se desenvolver um projeto de colonização.

Com estudos superiores por terminar, o jovem Blumenau, desejoso que estava em saber da natureza de outros países e interessado no "(...) problema patriótico da Alemanha, no sentido de dirigir a então numerosa emigração de braços produtivos a países futuros e saudáveis (...) "(1), retorna a Alemanha. Estagiando na Universidade de Erlangen, seria outorgado com o título de doutor em filosofia.

Em seguida, aceita a proposta da Sociedade Protetora de Emigração Alemã: visitar o Brasil, tendo como objetivos da viagem:

a) um estudo sobre as condições das terras devolutas que se apresentassem ideais para a colonização com imigrantes alemães:

b) estabelecer negociações com o governo imperial brasileiro, com a finalidade de conseguir a concessão de terras para a devida colonização.

Assim, o jovem audacioso dr. Hermann Blumenau viajaria ao Brasil em abril de 1846, devidamente autorizado pela dita Sociedade, que havia sido formada em 1845, em Hamburgo, com capital de 22 firmas comerciais e bancárias, as quais participariam do estabelecimento de colônias agrícolas no Brasil.

Após dois meses de viagem, aportaria no Rio Grande do Sul, em cuja província começaria sua viagem visitando, inicialmente, Porto Alegre e depois, a colônia alemã de São Leopoldo. Entre idas-e-vindas, o dr. Blumenau chegaria em abril de 1847 ao Destêrro e em seguida iria São Pedro de Alcântara, igualmente colônia fundada com imigrantes alemães. O resultado de suas andanças colocou em relatório minucioso e cuidadoso - aliás a tônica sempre presente nos relatórios futuros que apresentaria, mesmo após a concretização maior de seu ideal - o estabelecimento da colônia. Tal perfeição possibilitou a muitos historiadores e estudiosos, valiosas fontes informativas para a elaboração da história sobre a tão decantada BLUMENAU.

Em 26 de março de 1843, o dr. Blumenau encaminharia à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina um requerimento no qual apresentava pormenores do seu projeto de colonização. "(...) no qual se lizongéa trazer a esta bela Província algumas vantagens. (...) A Companhia não pretende chamar a sua obra em questão, puramente philantropica, contudo espera aliviar as tristes circunstâncias de muitas famílias honestas, más indigentes da Alemanha, porém repudia ao tempo energicamente a imputação de prosseguir numa mera especulação

pecuniaria para enriquecer-se à custa do Império e dos emigrados. (...)” Consciente de estar preparando um trabalho sério, no qual colocava todo seu empenho, o dr. Blumenau argumentava: “ (...) são (os dois países) aliados naturais pelo destino, achando o Brasil para os seus produtos o mercado mais desembaraçado e lucrativo na Alemanha, que não possui colônias próprias e recebendo dela os braços laboriosos e os manufactos de que carece”. (2)

Porém as propostas de colonização apresentadas, embora fossem tidas como as melhores até então (pois é conhecido o fracasso da implantação do núcleo de São Pedro de Alcântara, devido à acomodação inicial do grupo em condições precárias. “A assistência por parte do Governo constava dos papéis de propaganda e não passara a isto. Ficou, desta forma, o recém-criado núcleo no mais doloroso desamparo” (3), não foram aprovadas em sua totalidade, tendo a Assembleia — depois de vários estudos e ressalvas, deferido o pedido a 3 de abril de 1848, “ (...) mediante a concessão de duas partes de terras, cada uma de cinco até seis léguas quadradas de terras devolutas à Sociedade aludida, podendo seu representante colher as terras onde as houvesse conveniente” (4).

Antes de ser sancionada essa resolução pelo presidente da Província, Antero José Ferreira de Brito, o dr. Blumenau recebeu a comunicação da dissolução da Sociedade Protetora de Emigração Alemã em Hamburgo, fazendo com que tivesse requerido ao governo da Província a transierencia da concessão de terras à Sociedade, cujo deferimento autorizava ao dr. Blumenau dar início a medição e demarcação de dois distritos da colônia no sul do Rio Itajaí, a fim de lá instalar os colonos.

O pensamento de fundar uma colônia planejada por ele mesmo, o leva à sociedade com Fernando Hackraat, com quem deu início à colonização, comprando terras em 1848. Escolheram as situadas acima da foz do confluente Velha, nas duas margens do Rio Itajaí-Açu e na foz e vale do Itajaí-Mirim.

Depois da compra das terras, dr. Blumenau seguiria para o Rio aonde colocaria seus negócios em ordem e dali seguindo, a 8 de dezembro de 1848, para a Europa. “Aqui, na Alemanha, desenvolveu intensa atividade em prol da colonização em geral e, particularmente, de sua fundação no Itajaí. (...) Em fins de março de 1850 regressou ao Brasil muito mais esperançoso do que, meses antes, acreditara possível, isso porque seu sobrinho ficara certo de, em junho seguinte, acompanhar cerca de vinte pessoas que desejavam estabelecer-se em sua Colônia”. (5)

Com efeito, sabendo que a propaganda que desenvolvera talvez não alcançasse o efeito imediato, feita que foi na divulgação pura das privações e sacrifícios que esperavam pelos colonos no novo local, Blumenau propôs ao Governo Imperial uma propaganda em termos oficiais a fim de atrair um maior número de colonos e solicitou uma ajuda financeira, concedida, afinal.

A 10 de junho, conforme haviam combinado o dr. Blumenau e seu sobrinho Reinhold Gärtner, partiam de Hamburgo os primeiros

imigrantes à bordo do navio à vela "Chistian Mathias Schroeder".

Depois de noventa e um dias aportaria em Santos e dali seguiria para o Destêrro. Um navio costeiro os trouxe ao porto de Itajaí, daí seguindo a embocadura do rio Belchior. Desse lugar ao de destino, iriam em uma balsa feita com duas canoas, chegando — finalmente, a 2 de setembro de 1850 ao local da colônia. Posteriormente, essa data foi reconhecida como a da fundação da cidade de BLUMENAU.

É de se notar que o próprio Reinhold Gärtner encabeçara a lista dos imigrantes. Tinha 26 anos, era solteiro e lavrador. Aliás, dos 10 imigrantes entrados, só três eram casados, tendo dois vindo com suas esposas (2) e filhas (duas e três, respectivamente) — num total de 17 pessoas chegadas.

Foram esses os primeiros imigrantes:

Reinhold Gärtner; Francisco Allentien (24 anos, lavrador). Paulo Kellner (23 anos, lavrador); Julio Ritscher (22 anos, geômetra, tendo em 1854 ido para o Rio de Janeiro); Guilherme Friedenrich (27 anos alveitar - este veio com a esposa Mina, de 24 anos, e filhas Clara de 2 anos e Alma, com 2 para 4 anos); Daniel Pfaffendorf (26 anos, carpinteiro — morreria afogado a 22 de fevereiro de 1852); Frederico Geier (27 anos, marceneiro — foi embora a 3 de fevereiro de 1851 para o Rio de Janeiro); Frederico Riemer (46 anos, charuteiro); Erich Hoffmann (22 anos, funileiro — estabeleceu-se no Rio de Janeiro); André Kohlmann (52 anos, ferreiro — casado, veio a esposa Joanna, de 44 anos, e filhas Maria, com 20 anos e Chistina, com 17 anos); André Boettsscher (22 anos, ferreiro — tendo-se estabelecido com Kohlmann, no Arraial do Pocinho).

Segundo o registro, oito provinham da Prússia, três de Brunswick, um de Hannover, um da Saxônia, um de Holstein. Sobre a esposa e filhas do prussiano Friederich não há anotação de origem.

A procedência dos imigrantes nessa e nas levas seguintes assinalaria uma particularidade, devido ao seu estabelecimento numa região — a do Vale do Itajaí (Blumenau e Brusque) e numa região próxima — a do vale do Cachoeira (Joinville) com a determinação dos tipos preponderantes, que acabaria por caracterizar o "alemão" ou o "galego" como ficariam sendo conhecidos os homens no extremo-sul do Brasil:

— o foco setentrional da Alemanha (Hannover, Westphalia, Brandenburgo, Holstein, Pomerâni) nos daria o tipo nórdico — louros, altos, de 1m e 70cm, olhos azuis; presentes em Blumenau e Joinville;

— a região sul da Alemanha, nos daria o elemento de cabelos e olhos castanhos, estatura média.

— o foco do leste (Prússia Oriental e Silésia), daria o tipo louro, com cabelos de um loiro esmaecido — comparado às espigas de milho, e olhos azuis da "cor-do-céu" (Brusque).

"(...) isolados e imobilizados em vilas puramente alemãs, não podiam deixar de perpetuar a cultura alemã enquanto permanecessem naquele "habitat" em que não existiam luso-brasileiros". Do ponto

de vista econômico, a imigração alemã satisfizes plenamente o Brasil e a ela se devem, em grande parte, os progressos dos Estados do extremo-sul". (6)

Se por um lado os colonos, fechados em seu meio, conservaram a cultura de origem — significativa, principalmente no idioma que falavam, e ainda falam. deve-se esse isolamento à dificuldade que encontravam para manter contacto com outros centros. Diversos costumes iriam caracterizar a presença do imigrante alemão, marcante na religião que praticavam — protestante (ainda hoje são grandes as comunidades evangélicas nas ex-colônias); nas sociedades culturais (Kulturverein) com associações de canto coral, bandas, serões culturais, teatros amadores nas sociedades recreativas (os clube de Caca e Tiro); nas festas de igrejas e de escolas; nos jardins primorosos e coloridos das casas; na paixão pela dança, especialmente lembrada numa valsa, polca, mazurca e chote. Porém de todos os costumes que vivamente se conservam até os dias atuais, são as comemorações das festas de Páscoa e do Natal as mais interessantes. A Páscoa traz o coelho "botando" ovos pintados e bonitos, as cestas confeccionadas em papel de seda e escondidas no jardim das casas. As cascas de ovos, cuidadosamente guardadas durante o ano, recebem diversos revestimentos e acabam por serem "recheadas" com amêndoas.

É, afinal, a tradição alemã perpetuada através as gerações, as quais conservam nas festas natalinas, um pinheiro natural, todo enfeitado com bolas. O natal tem ainda as bolachas, cortadas nas diferentes formas e cobertas com glacê, respingados com confeitos multi-coloridos; o Panai-Noel e, circundando tudo isso, a família reunida na véspera — dia 24 à noite, cantando Noite Feliz.

Atualmente, os descendentes de alemães, já bem entrosados na vinda nacional, contribuem como o fazem há anos, com o seu trabalho para o desenvolvimento de sua cidade — motivo de orgulho para a própria comunidade de BLUMENAU!

A Colônia Blumenau cresceu. Expandiu enormemente, sobresaindo-se no setor têxtil. Hoje Blumenau ocupa posição invejável e constituiu-se, nos seus 131 anos de fundação, num dos maiores parques fabris do Brasil.

Referências:

- (1) e (4) Fragmentos de notas feitas por Theodoro Lueders, para a história de Blumenau. Do arquivo da Casa Dr. Blumenau — Fundação Casa Dr. Blumenau.
- (2) Requerimento de Hermann Blumenau aos Deputados da Assembléia Provincial, em 26-03-1848. Destêrro.
- (3) 150 anos de Imigração Alemã. Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Rio do Sul — julho de 1974.
- (5) "O doutor Blumenau — um colonizador alemão no Brasil", por Cristina Blumenau, in Blumenau em Cadernos — Tomo 1, nº 5, março de 1958.
- (6) Os Dois Brasis.
Jacques Lambert — Cia. Editora Nacional — São Paulo — 1967.

Professor Max Kreibich

S. C. Wahle

Sem dúvida alguma, Blumenau teve a rara felicidade de ter tido um professor da grandeza de Max Kreibich.

Max Kreibich foi o meu primeiro professor em 1923 e, daí por diante, até 1929, uma ou outra matéria sempre ensinava nas classes que eu então frequentava. Tinha uma letra pequena muito bem escrita, quase artística. Nunca perdia o seu bom humor. Em 1924, teve de sentar praça na 9ª. Cia. de Metralhadoras Pesadas e com essa, foi a São Paulo para combater os revoltosos de 1924. Uma vez de volta, tinha um jeito especial de contar o que lá se passara.

Tinha, o professor Max, um método especial de ensinar as coisas difíceis. Mais tarde, com os meus estudos já terminados, conversava eu com o pai na porta de sua loja, quando um aluno, que estava esperando o ônibus para Itoupava Seca, comentou o seguinte com os seus colegas: “Este professor Max pensa que a gente é ignorante. Passa a contar a história dos faraós com as pirâmides, dando os seus nomes e as suas épocas, mencionando detalhes e envolvendo a sua pessoa nas histórias e nos ambientes, como se fosse parte das histórias das pirâmides. Parece incrível um professor deste colégio ter condições de ir ao Egito.”

Um tanto revoltado, ia repetindo aos seus colegas todos os detalhes da história sobre o Egito que tinha apreendido horas antes. Depois que os alunos tinham embarcado no ônibus, o meu pai, que conhecia a fundo o professor Max, disse: “Você está vendo como este aluno aprendeu facilmente a história do professor Max? É uma técnica que poucos professores dominam: ao tornar-se a figura central no ensino da história, cria nos alunos um ambiente de suspense, fazendo-os concentra-se na apresentação da lição. Na ignorância, criticando o professor, literalmente chamando-o de loroteiro, aprendeu a lição sem se esforçar”.

Para quem teve a felicidade de ter sido aluno do professor Max Kreibich, sempre o terá em carinhosa recordação.

VOCÊ SABIA. — Que no dia 4 de agosto de 1883 foi inaugurado, na Igreja Evangélica de Blumenau, o novo harmônio, cujo som iguala o do órgão? Que com a igreja completamente lotada de membros da Comunidade, ouviu-se a prédica sobre o ato, pronunciada pelo Pastor Sandretzki?

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

“O Leão Faminto”, de Lauro Junkes (Edição do Autor, Florianópolis — 1982). Trata-se de um conjunto de artigos de crítica literária focalizando o livro catarinense no ano anterior, 1981. Nele o conhecido analista e escritor faz um balanço de praticamente tudo que foi dado a público naquele ano, havendo algumas crônicas realmente modelares em que revela grande equilíbrio na interpretação da obra alheia. “Contistas de Blumenau 2” é um dos livros que submeteu à apreciação, destacando os pontos altos desse livro que, como o anterior, provocaram alguma discussão na imprensa. Lauro Junkes tem sido, de alguns anos para cá, uma presença constante nos anais da nossa crítica, registrando passo a passo, num trabalho meritório, os altos e baixos das nossas provincianas letras.



“Uma Tragédia Catarinense”, de Emanuel Medeiros Vieira (Edição da Fundação Catarinense de Cultura — Florianópolis — 1982). O autor, mais conhecido como contista e com diversos livros publicados nesse gênero, lança agora esta novela, uma novela que ele próprio define como “um texto aberto, catártico, no qual a intuição e a espontaneidade criam o estilo e as confissões jorram de um universo pessoal fragmentado e em constante ebulição. Aqui se encontra uma visão interior da Florianópolis da década de setenta, estruturada dramaticamente no contraponto entre as lembranças da infância e os conflitos de homem atual diante da cidade que se transforma.”



“O Cidadão de Três Pátrias”, de José Gonçalves (Edição da Fundação Casa Dr. Blumenau — 1982). Este livro é um depoimento amargo a ser lido e meditado pelos homens, mostrando as monstruosidades que foram praticadas durante a Guerra. O autor, ao escrevê-lo, deixou em segundo plano as preocupações “literárias” e buscou a fidelidade, num trabalho de repórter a que não faltam, porém, momentos de pura emoção. Numa série de entrevistas com o blumenauense (nascido na Alemanha) Curt Max Lebrecht, o autor colheu, pacientemente, os dados para a montagem desta peregrinação de um homem sofrido mas que acompanhava com lucidez a caminhada belicista desde o advento do nazismo. Além de consolidar “a forte inclinação de José Gonçalves para o romance histórico”, como acentuou o crítico Vilson do Nascimento, o volume contém uma narrativa bem feita e contribui para aumentar a estante de um gênero que encontra tantos apreciadores.

CONCEITOS E DILEMAS

Diz o refrão popular: a vida é como fralda de bebê,
curta e quase sempre suja.

No entanto, depende apenas de nós mesmos, bem se vê,
tornar mais longa e limpa a dita cuja.

DEUS deu intelecto e habilidades à humanidade,
para pensar, planejar, executar e usufruir.
porém, ao mesmo tempo, lhe deu toda liberdade
para, com seus feitos, somar ou destruir.

Mas, todo o bem como o mal intencional,
de algum modo, em algum tempo e algum local,
reverterá para quem o fez, tenho a certeza,
como luzente alegria ou tenebrosa tristeza.

Porém, quando algo venturoso ou maléfico surgir,
ninguém mais saberá, ao certo, a que o atribuir.
Na dúvida, tais fatos, sabem ser até auspiciosos
e despertar relatos mútuos bem mais harmoniosos.

Represálias e retaliações contra agravos recebidos.
Mágoas por não reconhecimento de bens distribuídos:
são ambas, atitudes fúteis e inoperantes.
Só na Justiça Divina estejamos confiantes!

“Olho por olho — dente por dente”, como ideologia,
é satisfação falaz que nunca traz a paz.
Em contrapartida, um sadia e tolerante filosofia,
tanto ao corpo como à mente, sempre apraz.

É mera ilusão acreditar que algum malfeitor,
vivendo em fausto, possa ludibriar o CRIADOR.
O delinqüente abastado, tal como o marginal,
também terá seu dia de expiação proporcional.

Na face do transgressor, em geral, não é visível,
quanto e como ele pode estar sofrendo internamente.
Atrás de um semblante sorridente, sempre é possível
esconder-se uma tristeza profunda ou dor inclemente.

Mas não somente a outrem se pode favorecer ou lesar.
Também a si próprio, pelo modo de vida que se levar.
Desperdiçar a saúde ou dela com todo carinho tratar,
são caminhos dos quais um só é recomendável trilhar.

O paraíso e o inferno são deste mundo.
Existem prêmios e punições para cada qual.
Tanto do primeiro como do segundo,
opção e consequência são nossas por igual.

Claro está que tudo isso não é nenhuma novidade, pois, já sete séculos antes dos ensinamentos cristãos, Zoroastro dizia: só bons pensares, boas falas e ações, podem proporcionar ao homem — paz e felicidade.

Todavia, o bafeiado por algum ditoso evento, nem sempre é devidamente grato ao destino, ao não lhe ocorrer ter sido dádiva divina, por algum feito prévio seu nobre intento.

Mas quando alguma desventura se abate sobre o homem, de imedito, mãos se elevam e perguntas explodem: Meu DEUS, porque? O que eu fiz para isto merecer? Raras vêzes é lembrado algum próprio mau proceder!

Ao invés de contra DEUS e o destino protestar, melhor seria diante dele curvar-se e resignar. Ao invés de a fatos irreversíveis se entregar, continuar a viver com eles e em frente marchar.

DEUS. — todo-poderoso, onisciente e infalível, só pode ser, também, quintessência da bondade. É ônus peculiar da humanidade, o ser falível e os próprios erros corrigir, sua responsabilidade.

E surgem perguntas como estas:

Por que até inocentes crianças pelo destino são perseguidas, e, às vezes, por cruéis e permanentes anomalias atingidas? Por que jovens sádios, felizes, de robusto porte, são abrupta e tragicamente ceifados pela morte?

Não poderia o futuro do infante prejudicado, ser pior ainda, sem aquele dano inopinado? Do jovem brilhante, o passamento súbito e brutal, ter prevenido um porvir amargo ou insuperável mal?

Jamais conheceremos as sutilezas da porfia com que nos pode surpreender o próximo dia. Acontecimentos mil, são possíveis, mas para nós sempre imprevisíveis.

Somente para o supremo Criador e Senhor, de todas as coisas de todos os seres, o futuro é um livro aberto e — a verdade incontestável — por toda a eternidade.

Blumenau, SC 01 de dezembro 1982

Afonso Rabe

UM POUCO DO PASSADO

Entrevistas

J. Gonçalves

Subordinado ao título acima, iniciamos a partir deste número uma série de entrevistas com pessoas idosas nascidas em Blumenau ou pelo menos que aqui se fixaram quando ainda crianças. Abrimos esta secção publicando a entrevista que fizemos com a sra. Hilda Schoroeder, nata Daupitz, neta de um dos primeiros imigrantes que chegaram a Blumenau em 1851, de nome Julius Paupitz. Dona Hilda, que possui ainda uma excelente memória, foi narrando, à medida que íamos perguntando, os acontecimentos mais importantes que marcaram sua vida desde a infância. Diz ter nascido e vivido sempre na localidade de Encano, município de Indaial, residindo numa casa que fica próximo da antiga Estação da Estrada de Ferro e da fábrica Fecularia Lorenz. Ela nasceu no dia 3 de janeiro ano de 1904. Possuindo muitas fotografias, inclusive de seus avós, dona Hilda diz que guarda lembranças de sua infância a partir dos seus seis a sete anos, ou seja, de 1910 em diante. Diz dona Hilda que a partir de 1910, muitos acontecimentos marcaram sua vida. Já com 7 anos de idade, lembra-se de que haviam programado uma grande festa na localidade, com a inauguração do trecho ferroviário Blumenau-Encano e a respectiva inauguração da estação ferroviária. Este fato acanteceu no dia três de maio de 1909 e dona Hilda guarda ainda o original do convite que seu pai recebeu do diretor administrativo das obras em construção para que comparecesse ao ato inaugural. Ela não se lembra, é claro, de detalhes. O convite ela o guardou sempre consigo, mas sabe que foi uma festa muito concorrida, aquela melhoria das comunicações entre o Encano e Blumenau. Está claro que sua lembrança está bem viva quanto aos anos que se seguiram, ou seja, a partir de 1911, quando o tráfego do trem era normal e já ultrapassava o Encano. Diz dona Hilda lembrar-se muito bem da quase tragédia que representou a grande enchente de 1911, quando ela já estava com mais de sete anos de idade. Mas, ainda com relação à estrada de ferro, ela lembra-se que, na continuação da construção do trecho Encano-Indaial, havia um trabalho muito intenso de explodir pedra em toda aquela região, para ser utilizada no apronto do leito da ferrovia. Grande parte destas pedras que eram rachadas a dinamite, estavam localizadas nas terras de seu pai.

A grande lembrança que ficou em sua memória sobre a estrada de ferro, é a das diversas viagens que então fez em companhia dos pais de Encano a Blumenau, nos anos que se seguiram a 1910. Era uma sensação sem igual, diz dona Hilda, a de embarcar naqueles carros de passageiros e sentir o seu movimento, primeiro lento e depois rápido, ouvir o apito da máquina nos cruzamentos e nas pontes e olhar a paisagem verde que existia durante todo o trajeto, quase sempre acompanhando a sinuosidade do rio Itajaí. E então fazia uma comparação en-

tre aquela nova era de transporte e a anterior, quando seu pai, Leopoldo Paupitz conduzia sua família, quando em viagem para Blumenau, com carroça, percorrendo uma estrada nem sempre de condições satisfatórias. Dona Hilda lembra também que além da carroça, seu pai usava, para os passeios a localidades mais próximas, como ir à igreja ou a Indaial, o carro de mola, que era a condução mais confortável e luxuosa da época. Este tipo de veículo era muito usado como carro de aluguel, nos casamentos da época, servindo para conduzir os noivos e os padrinhos e eram muito enfeitados com folhas de palmitos e flores. Ainda a respeito de transportes da época, dona Hilda lembrou que um dos fatos que marcou na sua lembrança de menina de 12 a 13 anos de idade, foi a presença, em Encano, pela primeira vez, de um automóvel. Este veículo era de propriedade do sr. Frederico Guilherme Busch e isto aconteceu por volta de 1916 ou 1917, quando pela primeira vez foi visto no Encano e que constituiu um dos maiores acontecimentos da época ver aquele carro andar sem ser puxado por tração animal.

Dona Hilda referiu-se com mais detalhes também à enchente de 1911, quando ela residia com seus pais numa casa de enxaimel um pouco abaixo da atual vila de Encano. Diz ela que, à medida que às águas iam penetrando na residência, todos procuravam expulsá-las varrendo-as para fora. Mas a parte térrea da casa foi invadida pelas águas. Assim mesmo, tendo a casa um grande sobrado, foi possível ao seu pai abrigar ali, além da sua família, muitas outras famílias residentes nas proximidades e que haviam tido totalmente inundadas suas casas. Dona Hilda lembra-se de que, desde a Vila de Encano, em direção a Blumenau, num grande trecho de mais de dois quilômetros, tudo estava inundado pela enchente. Foi algo espantoso e um acontecimento inesperado, cujos efeitos foram grandes nos estragos causados e nos prejuízos que todos sofreram. Isto deixou uma profunda lembrança em sua memória de menina de 7 anos. Lembra-se também que no local em que hoje se encontra a Fecularia Lorenz, existia uma atafona (moinho de farinha de milho) e que nas proximidades também residia o professor da única escola então existente na localidade e que ensinava em língua alemã, porque não havia escola pública municipal. Por isso ela apenas aprendeu a ler e a escrever em alemão e hoje ainda não consegue desenvolver uma conversação normal em português apesar de compreender bastante e, num diálogo lento e tranqüilo ser possível conversar com ela no vernáculo.

Das recordações de sua escola, lembra-se com saudade do seu professor, de nome Emil Reckenberg.

Diz dona Hilda que aos dezesseis anos aproximadamente, foi conduzida por seu pai a Blumenau da Casa Husadel, onde hoje acha-se o prédio das Lojas Hering. Ali ela trabalhou nove meses como aprendiz de cozinha, pois era costume na época, nas famílias que tinham condição, destinar as moças a este aprendizado para que no futuro se tornassem boas donas de casa e cozinheiras hábeis. Durante o tempo em que viveu em Blumenau, a partir da década de 1920, dona Hilda marcou em sua memória agradáveis lembranças. Diz que freqüentou muito os bailes e "soirées" que eram realizados no antigo Teatro Frohsinn,

que localizava-se aonde hoje está a sede da CELESC, à Alameda Duque de Caxias. No Frohsinn, sempre acompanhada pelos proprietários do hotel, que eram amigos de seu pai, dona Hilda assistiu também a algumas peças de teatro. Ainda durante o período em que esteve no Hotel Gross, dona Hilda aprendeu costura, na parte da tarde, na residência da sra. Anna Koehler e que localizava-se no alto da Rua 15 de Novembro, proximidades da atual Casa Willy Sievert.

Dona Hilda retornou ao Encano após permanecer nove meses no aprendizado de cozinha e costura. Aos dezenove, anos, casou com Reinhold Schroeder. O casamento foi no dia 29 de fevereiro de 1923. A festa do casamento foi na residência de seu pai. Não fizeram viagem de núpcias. Seu marido era comerciante. Deste casamento dona Hilda teve quatro filhos: Sieglend, Sido, Edelbert e Adalberto. Destes filhos e dos casamentos deles ela possui dez netos e quatro bisnetos. Seu sogro, Clems Schroeder, pai de Reinhold, era imigrante. Quanto ao seu avô, que chegou em Blumenau em 1851, poucos anos após Julius Paupitz casou com uma mulher viúva de nome Amália, nata Hoeschl, que já possuía dois filhos. Do consórcio com dona Amália, nasceu Carl, o primeiro filho, vindo depois Julius Jr., e Leopoldo que é seu pai, foi o terceiro filho daquele consórcio.

Retornando às recordações de seus nove meses em Blumenau, dona Hilda diz ainda que os passeios que eram dados o faziam em carros de mola, visitando alguns recantos de Blumenau, como os bairros. Que uma das casas de comércio mais fortes era a do sr. Artur Hoeschl, localizada aonde se encontra hoje a Casa Willy Sievert.

Aos sábados ou domingos, a juventude blumenauense da época divertia-se nos bailes do Teatro Frohsinn ou passeava pela Rua 15 e outras, assim como no cinema, o único existente, que pertecia ao sr. Frederico Guilherme Busch, o primeiro proprietário de automóvel em Blumenau.

Como recordação mais agradável de seu casamento, dona Hilda lembra das bodas de prata, ocorrida em 1938, quando fez o primeiro grande passeio de sua vida, indo até Curitiba e depois a Florianópolis. Até então não havia saído do Encano e como passeio só chegara até Blumenau.

Dona Hilda e seu marido exerceram a atividade comercial por quase toda a existência.

Seu avô Julius Paupitz, que foi o tronco da numerosa família, nasceu em 1º de dezembro de 1827. Chegou portanto ao Brasil com 24 anos. Faleceu a 17 de setembro de 1891. Sua esposa Amália Paul, nata Hoeschl, nasceu a 27 de abril de 1830 e faleceu a 8 de abril de 1905, todos na localidade de Encano em cujo cemitério estão sepultados.

Mesmo depois do falecimento do esposo Reinhold, dona Hilda continuou na atividade comercial até há poucos anos atrás, quando fechou as portas, retirando-se deste trabalho para poder descansar. Reside numa bela mansão toda construída internamente em estilo colonial de alto gabarito, com sua filha Sieglend que, quando ainda bem pequena, sofreu ataque de pólio, ficando semi-paralítica.

Nos seus 79 anos bem vividos, dona Hilda sente hoje a grande

felicidade de ver seus filhos todos em excelente situação com suas respectivas famílias, sendo que na sua maioria, os netos são formados ou estão se formando em curso superior.

O Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", que a Fundação "Casa Dr. Blumenau" mantém, hoje acha-se ainda mais enriquecido com as fotos e documentos doados por dona Hilda, que são a história viva de um longínquo passado da colonização de Blumenau e da região do Vale do Itajaí, por cuja doação deixamos aqui registrados os nossos agradecimentos.

Nosso Arquivo está mudando

Aproveitando o espaço deixado com a mudança da Câmara de Vereadores para o novo prédio da Prefeitura, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" requereu o local para ser ocupado pelo Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva".

Há muito tempo que se estava cogitando de melhorar a situação do valioso acervo histórico deste Arquivo, entre os quais — os jornais da época colonial, como as coleções do "Blumenauer Zeitung", do "Der Urwaldsbote", dos jornais "A Cidade de Blumenau", "A Nação", "O Estado" e outros pequenos jornais e revistas que circularam no Vale do Itajaí nestes últimos 50 anos, sem contar ainda com as centenas de fotografias e de documentos históricos, assim como livros, registros e documentários bibliográficos da colonização e do desenvolvimento do Vale do Itajaí.

Agora, com a oportunidade surgida, embora a idéia inicial da construção de um prédio próprio para o Arquivo continua de pé, resolveu-se, a bem de proteger bastante este acervo, transferi-lo para aquele local que oferece condições climáticas mais aceitáveis para a preservação destes documentos, assim como mais conforto e espaço para os usuários do Arquivo, que são os pesquisadores que o tem procurado, oriundos dos mais diversos lugares, tanto do país como do exterior.

O trabalho de mudança de todo o acervo não tem sido fácil. Um trabalho está sendo dirigido pela professora Suelv Maria Vanzuita Peetry, chefe do Departamento Histórico que envolve o Arquivo Histórico e o Museu da Família Colonial. Mas, aos poucos, tudo vai sendo instalado com muito carinho e zelo, podendo-se afirmar que até fins de abril ou meados de maio, o acervo estará totalmente instalado no novo espaço reservado.

VOCE SABIA — Que a "Cultur-Verein" (Sociedade de Cultura) agrária existente em Blumenau em 1883, recebeu, no dia 17 de novembro daquele ano, na Exposição de Amsterdam (Holanda), a Medalha de Bronze pela exposição de café que fez na oportunidade?

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

Em meados de 1844, Blumenau volta, depois de uma longa viagem à Londres e Paris, para Erfurt, com o intuito de conversar e relatar sua viagem de negócios e estudos a seu sócio e amigo, Hermann Trommsdorf, e em seguida, depois de visitar seus pais, matricular-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangen e doutorar-se em Filosofia.

Mais do que nunca depois do encontro com Sturz, seus propósitos colonizadores começaram a tomar forma e corpo para se tornarem, num futuro não muito distante, em realidade plausível.

Depois de recebido festivamente pelo seu amigo Trommsdorf e de relatar-lhe pormenorizadamente, toda sua viagem e conversas com o mestre Thomas Grahnn e entregar-lhe uma carta dele para seu sócio, perguntou por seu amigo Fritz Mueller:

— Como vai nosso Fritz, meu caro Trommsdorf?

— Está aqui se preparando para viajar à Greifswald e se matricular na Faculdade de Medicina. Colou grau este ano em Doutor em Filosofia e está, atualmente, aqui em Erfurt, como lente de Botânica, Álgebra e Mineralogia no ginásio local.

— Quer dizer então que não convenceu seu pai de não estudar medicina?

— Não! E está cada vez mais rebelde e revoltado não só com o pai como com seus irmãos que apoiam o pai. Se ainda não abandonou a família é em consideração a minha irmã que está muito doente com tudo isso.

— E a sua namorada, a linda Carolina Tollner?

— Ele me confessou, muito particularmente, para não aumentar mais a revolta de todos os seus, que ele está vivendo com ela e mandou às favas o casamento, diz ele que é preconceito de puritanos e ortodoxos.

— Então está de fato um materialista revoltado, hein?

— A união deles é muito discreta em respeito a sua mãe, que ele não quer magoá-la com este "ajuntamento socialista" como ele diz ironizando.

— É uma pena, o Fritz é um bom sujeito, inteligentíssimo...

— Revelou-se também, Blumenau, um exímio desenhista, tanto que seu professor, Johannes Mueller, que é um eminente botânico, confiou-lhe a ilustração de vários trabalhos científicos seus.

— Seu sonho dourado é estudar a flora e seus segredos, ele andou pensando depois de se formar em filosofia viajar à Africa para estudar suas exuberantes florestas. eu imagino só a sua revolta em ter que se matricular na Faculdade de Medicina e se frustrar dessa viagem de seus sonhos acalentados desde sua infância, também pudera, oh Trommsdorf. este teu cunhado é um teimoso incorrigível.

— O Fritz hoje é um revoltado. mal humorado e se não nos abandonou de vez é porque minha irmã ainda vive, apesar de muito doente. mas, o dia que ela faltar eu só quero ver a explosão de sua revolta contida e acumulada por tantos anos.

— E daí a sua única saída. a sua lógica é natural. para o materialismo e o socialismo como válvula de escape das suas revoltas íntimas. Meu caro Trommsdorf. veja bem a ironia do destino. Fritz tem um pai que é Pastor. O que é um Pastor, Trommsdorf? Ministro da religião protestante, cura de almas. arregimentador e condutor do grande rebanho de Cristo, que foi o Bom Pastor. No entanto. ele próprio por um capricho e uma teimosia que jamais poderiam existir em um pastor e muito menos em um pai, desgarrou de seu rebanho uma ovelha que é sua, de corpo e alma, porque seu filho, quando ela devia caminhar na frente de todo rebanho. mostrando o próprio caminho da fé, da crença, do perdão e do amor ao próximo que são os fundamentos da sagrada doutrina que ele prega no seu templo protestante.

— Mas, o fato é Blumenau, que Fritz, realmente, envolveu-se demais em lutas políticas e doutrinárias que estão sacudindo a Prússia e demais Estados Alemães, e Carolina está acompanhando-o em todos esses movimentos revolucinários.

— É, Trommsdorf, o seu relacionamento com livros, doutrinas, sábios socialistas e idéias materialistas transformaram Fritz num materialista convicto e impertinente; foi a sua única saída para uma mocidade conturbada e contrariada, por culpa de seu próprio pai que negou-lhe a liberdade de escolher sua profissão de naturalista que era, indiscutivelmente, seu sonho maior, seu ideal mais legítimo. Quando sua personalidade, no embrião da sua formação e consolidação, sofreu o trauma das severas exigências paternas, muito contrariando-o e, provocando-lhe fortissimo abalo moral ele não teve outra saída, senão o socialismo e o materialismo, como contrapartida de combate e a burguesia ortodoxa em que fora criado, perdendo por completo a fé na qual fora educado por seu próprio pai. Era a satisfação íntima de combater a causa, como defesa natural, do seu ego ferido. Da sua personalidade pisoteada e, conseqüentemente, revoltada.

— Lamento muito Blumenau, que tal tenha acontecido com meu sobrinho que é uma inteligência lúcida e brilhante, falando e escrevendo vários idiomas, Fritz é de fato um moço extraordinário, esse desvio na sua personalidade transformou um crente fervoroso em que fora criado, num ateu impiedoso.

— Mas, como amigo ele não mudou em nada, pois não, Trommsdorf?

— Em nada, absolutamente, nada, é sempre, o mesmo amigo de sempre.

— E Carolina, qual o seu comportamento em tudo isso?

— Diz amém para tudo! Ama, adora Fritz, e segue de olhos fechados os passos, suas pegadas, é uma mulher admirável, Blumenau!

Naquele dia do regresso de Blumenau a Erfurt, depois de sua longa conversa com seu amigo e sócio Trommsdorf, onde tudo foi relatado por Blumenau, minuciosamente, sua viagem à Paris e Londres, como seu sócio havia marcado com Fritz Mueller um almoço, aproveitou para convidar Blumenau também que, aliás, estava com muita vontade de se reencontrar com seu velho e querido amigo Fritz Mueller.

Era já tarde quando os três se encontraram no antigo restaurante onde sempre faziam suas refeições ou tomavam seus chopes.

Depois de um fraternal e apertado abraço de Fritz Mueller em Blumenau sentaram-se para as refeições.

— Como é Blumenau, então andaste por longo tempo, pela maravilhosa Paris e a velha e carrancuda Londres, hein?

— Não acho Fritz... Londres, uma cidade carrancuda...

— Não é só a cidade, é o sisudo inglês que é egoísta, introvertido e capaz de ficar horas perdidas, silencioso e taciturno, diante de seu copo de uísque como se aquele fosse seu mundo, e em torno dele só girassem colônias. É um povo, Blumenau, que só faz amigos por interesse, e o Rei que eles trazem no trono está, também, dentro de suas barrigas!

— Pois eu não tive esta idéia dos ingleses não, Fritz! Achei-os até cordiais...

— É porque estiveste com um mestre de química, segundo me contou meu tio, o seu velho e querido amigo professor Thomas Grahann, a quem entregaste uma carta sua de recomendação, não foi?

— Exatamente, e achei-o, fino, educado e um homem extraordinário, devias conhecê-lo Fritz, para apagar esta má impressão que tens dos ingleses.

— Não há regra sem exceção, Blumenau! Deixemos os ingleses de lado e conta-me teus planos futuros, Blumenau!

Trommsdorf interrompeu os dois conversadores:

— A conversa de vocês dois está muito boa, mas é melhor almoçarmos, não acham.

— Pode pedir, o tio, já sabe o que eu gosto de comer.

— E Blumenau o que vai comer? Eu já estou morto de fome.

Enquanto camiam Blumenau contou a Fritz seus planos colonizadores. Quando terminou o amigo opinou, entusiasmado:

— Maravilhoso Blumenau! E teus pais o que dizem de tudo isso?

— Ainda não conversei com eles e há muito tempo ainda de por em prática, por ora o que são apenas sonhos ainda, Fritz.

— Blumenau, eu tenho minhas idéias sobre uma colonização e emigração em grande estilo para um país como o Brasil.

— E quais são, Fritz, conte-nos, já sei que são revolucionárias como tudo é, em teus pensamentos de uns tempos para cá, mas, falemos com toda sinceridade e verbosidade que és exímio e admirável narrador.

— É uma pena para Blumenau, que a nossa Alemanha está tão

dividida política e socialmente, interessante, por falar em dividida, há pouco ainda conversando com Carolina...

— Desculpe interromper-te, mas, como vai Carolina?

— Bem, muito bem! Mas, como iamso falando, dizia eu para Carolina a respeito da nossa divisão, que aliás, Blumenau, é como argumentaste há pouco quando falavas sobre teus planos colonizadores, da nossa falta de unidade política e social resultou o grande êxito migratório, notadamente para a América do Norte, eu concordo plenamente contigo. Veja bem meu amigo, quando a grande maioria dos países europeus adotou o Cristianismo como sua religião, nós alemães, seguimos os protestos contra a nova doutrina do monge agostiniano Lutero, e criamos o nosso protestantismo como doutrina religiosa, é ou não é, Blumenau, um povo contraditório o nosso?

— Estou de acordo contigo, Fritz, somos um povo criador e trabalhador politizado, mas, nos faltam grandes líderes e estadistas, o que nos sobram em comandantes e generais de grande valor guerreiro, sem espírito de liderança civil, esta é a nossa verdade histórica, Fritz!

— Dai, as nossas lutas internas e divisões políticas nos levando sempre a toda espécie de convulsões sociais que afugentam nossos patriotas a procura de paz e trabalho em outros pagos.

— Mas, um dia Fritz, não muito longe, surgirá um grande líder que pacificará nossas forças políticas e unirá, solidamente, nossa tão querida Alemanha, não acha meu caro Trommsdorf, que está tão quieto saboreando seu bife com batatas!

— Estou gostando da discussão de vocês e como não sou versado em política nem colonização, escuto para aprender.

— Apresa-te, Blumenau, com teus planos colonizadores, porque segundo acabaste de dizer que num futuro não muito longe aparecerá o nosso pacificador e aquele que irá unir toda a Alemanha, não foi?

— Foi sim, e ardentemente espero que tal aconteça, Fritz!

— Nós também, meu bom amigo, mas, quando tal acontecer nosso povo não mais emigrará e teus planos poderão fracassar, não achas?

— Temos porém, muito tempo ainda pela frente e até aparecer o nosso grande líder já terei de há muito instalado minha colônia no Brasil, se a Providência me ajudar.

— Olha meu amigo e jovem colonizador, conta mais com teus próprios esforços e não confia muito em Deus não!

— Fritz, escuta bem o que eu vou te dizer, já que caminhas perigosamente, pelos caminhos do materialismo. É o espírito que comanda a matéria, e nesta força poderosa que nos governa que está a presença de Deus!

É em nosso cérebro que se condensa toda esse força poderosa que nos faz viver, porque ela gera a energia que precisamos para comandar a nossa própria vida. Sem essa energia toda espiritual, não haverá vida sobre a terra, Fritz! Veja bem, Fritz, somos criaturas dependentes porque somos matéria e espírito, e uma depende da outra

para complementarem a sobrevivência de ambas. Vamos buscar exemplos edificantes na própria natureza, que tanto amas, Fritz. A semente depende da terra para nascer e frutificar, é o seu mundo vegetal; no seio escondido e no calor da terra, é que ela gera o milagre da vida, como a própria criatura humana no útero materno, este milagre Fritz, é também, presença de Deus! Porque só Ele cria toda espécie de vida sobre a terra. E só Ele tem o direito sagrado de eliminar a vida que Ele próprio é o criador. São estas Fritz, as leis imutáveis que nos governam, e o homem jamais conseguirá mudar, porque são divinas. E não será Fritz, o teu materialismo que conseguirá sequer alterar um milímetro, essas leis, porque foram ditadas pela sabedoria divina.

— Blumenau! Pura filosofia meu bom amigo! Prefiro o materialismo de Karl Marx que procura solucionar o “milagre” das classes oprimidas.

— Puro engano, Fritz! Teu líder Marx tem nas classes trabalhadoras a bandeira de sua ascensão e espera conseguí-la através da luta de classe, contra a burguesia em que ele nasceu e tanto odeia. Mas não conseguirá porque o homem também, na sua sabedoria criou leis que regem a economia da produção tais como sejam: as circulações das riquezas, da oferta e procura e a principal de todas, a do equilíbrio entre o “Capital e o Trabalho” que é a mais importante de todas, entre outras. Segundo Karl Marx, o “trabalho” é explorado pela burguesia, ou melhor pelo Capital porque ele é um dos principais fatores geradores de riquezas. Puro engano Fritz. Veja bem Fritz a teoria utópica de teu líder, eis: “Ao comprar a força do trabalho o capitalista adquire o direito de obrigá-la a trabalhar durante oito horas, por exemplo; como porém, o operário cria, em cinco horas, o produto necessário ao custeio de sua manutenção, o que ele produz nas três horas restantes constitui o produto excedente, isto é, a mais-valia, da qual se apropria o capitalista. “Isso sim, Fritz, é que é filosofia demagógica para jogar o “trabalho” contra o “capital”. Fritz, só o Capital produz riqueza através do “lucro”, porque a ausência deste na criação do capital, não haverá riqueza e sim, prejuízo, o que equivale dizer, a sua desvalorização, pondo em perigo a própria existência do trabalho, porque Fritz, sem capital não haverá trabalho, e se houver será escravo, porque só o capital gera riqueza porque ele é, na sua essência, a própria riqueza, Fritz!

A “mais-valia” na economia clássica é o lucro, já em teu líder, marxista, é “o suplemento de tempo de trabalho do operário apropriado pelo capitalista em seu benefício”, pode ser Fritz, que algum dia num futuro muito remoto tal teoria seja aceita em algum país, mas, se fôr, só será se pela força, nunca num país democrático.

— Você, Blumenau, não passas de um bom burguês, meu jovem “colonizador”!

— E por falar em colonizador, já estamos Fritz, na sobremesa e ainda não expuseste teus planos colonizadores, como é, quais são eles, Fritz?

Fritz animou-se todo, e vagarosamente, falando baixo como se fosse expor algum plano secreto:

— Há pouco falaste que nossos patricios emigraram para a América do Norte em grande número, ou melhor, alguns milhões deles, não foi, Blumenau?

— Sim Fritz! Mais de seis milhões deles!

— E todos se localizaram em vários Estados norte-americanos, pois não?

— Dispersos por vários Estados, e por que esta pergunta, Fritz?

— Entenderás quando expor meu plano. Tenha calma meu amigo. Suponhamos que você escolha no Brasil, por exemplo: o Estado de Santa Catarina para colonizar. Muito bem. Deverás concentrar todos seus imigrantes numa só zona de forma a que possas, aos poucos, formar um poderoso Estado Alemão na província catarinense e território, preponderantemente alemão, de forma que se tornasse o poder dominante e suplantasse um dia, de todo, o elemento latino decadente!

— Fritz! Tal poderia acontecer se o governo alemão, em vez de promover a emigração para lá, não lhe opusesse estôrvo de toda espécie, porém, se tal fosse possível, não conseguiríamos tal desejo, porque há muito que o Brasil deixou de ser colônia de Portugal e é hoje um grande país livre, soberano e independente, meu caro Fritz. Aliás, era essa, também, a minha intenção, mas, quando exposta ao cônsul brasileiro em Londres, Sturz, ele me advertiu que nem era bom pensar em tal absurdo, Fritz.

Trommsdorf que tudo ouvia calado, não se conteve e advertiu os dois amigos:

— Positivamente, vocês dois estão loucos! Se até hoje a Alemanha não teve sequer uma colônia em qualquer parte do mundo, é agora que vocês pensam, absurdamente, implantá-la no coração de um país soberano, como o Brasil! Só mesmo coisa do Fritz, meu querido e irrequieto sobrinho!

— Quem sabe se um dia ainda não baterei com meus costados em tua colônia lá no Brasil, hein, Blumenau? Quem sabe! Vou estudar medicina e depois de formado penso ir para bem longe. África, estudar sua majestosa selva e seu mundo animal, sua raça, aliás, eu não acho a raça negra inferior nem uma raça decadente, antes pelo contrário, forte e inteligente. Analisa bem o escravo que sofre toda sorte de castigos, fome e no entanto, chegam a idades bem avançadas em grande maioria.

— Fritz, eu não sou contra a raça negra, e sim, contra a escravatura.

— Quando é que pretendes colonizar, Blumenau?

— Ainda há muito tempo pela frente. Vou primeiro tirar o curso de filosofia e botânica com o professor Dr. Martius, você o conhece, Fritz? Tenho uma carta do cônsul Sturz apresentando-me a ele...

— Conheço sim. É um grande mestre e excelente pessoa, Blumenau. Vai gostar dele.

— Só depois de tirar tais cursos é que embarcarei para o Brasil. Temos portanto, uns quatro anos ainda de espera Fritz!

— Bem até lá já estarei formado em medicina e quem sabe não te acompanharei, hein?

— Este meu sobrinho não passa de um sonhador. Um homem que não sabe o que quer...

— Espera, tio! Não é bem assim, sei muito bem o que quero, porém, obrigaram-me, forçaram-me e impuseram-me justamente o que não queria, a medicina. Assim sendo tornei-me indeciso e confesso, perturbado, esta é que a verdade, meu querido e bom tio. Mas, tenha ao em seu sub-consciente, acabarei o que sempre quis e o que sou por índole: naturalista!

— E colono em minha colônia, não é mesmo Fritz?

— Quem sabe lá, Blumenau! Quem sabe lá! Não estás dando um palpite certo, hein?

Depois de rirem muito com o extravagante palpite de Blumenau, Trommsdorf pagou a conta enquanto Fritz observou:

— Nada melhor do que ter um tio rico! E quem sabe, hein? Um futuro colono teu, Blumenau.

— Deste perigo, Blumenau, está seguro de se livrar, não é mesmo o meu jovem colonizador?

— Para mim, Trommsdorf, seria sorte demais, contar com coloros de tal envergadura moral, social e técnica. Aliás será neste nível alto minha colonização, meus amigos.

(Continua no próximo nº)

Livros novos estão surgindo

Nas oficinas gráficas da Fundação "Casa Dr. Blumenau", estão surgindo novos livros. Nos meses de janeiro, fevereiro e março deste ano, novos livros entraram em composição. O primeiro deles foi "A Fundação de Itajaí", de Nemésio Heusi, já lançado na vizinha cidade, o segundo, intitula-se "Genealogia das Famílias Berri e Pisetta e a Fundação de Rodeio", de autoria de Aléssio Berri, um novo talento que surge para enriquecer a literatura catarinense, livro este que será lançado no mês de abril. Também acha-se em elaboração — composição e impressão o novo livro do aplaudido escritor conterrâneo Enéas Athá-názio e que intitula-se "Figuras e Lugares", o primeiro do autor que será composto nas oficinas da Fundação. Além destes, também deverá estar concluído no mês de maio, o quarto livro de José Gonçalves, "Espelhos da Alma", romance ficção. Ainda neste primeiro semestre as oficinas gráficas desta instituição deverão concluir o livro "Leis, Decretos e Portarias", que anualmente é editado pela Prefeitura Municipal e que este ano deverá compor-se de cerca de 500 páginas.

VOCÊ SABIA — Que o Almirante Armin Zimmermann, Inspector Geral das Forças Armadas da Alemanha na década de 1970, era blumenauense de nascimento — nasceu em 1918 em Blumenau, filho de Jenny Altenburg e do professor da Escola Alemã Erich Zimmermann?

Relatório da Administração da Fundação "Casa Dr. Blumenau" no período de 1-6-1977 a 20-3-1983

Por ocasião da reunião do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", ocorrida no dia 22 de março, o diretor executivo da instituição jornalista José Gonçalves apresentou àquele órgão máximo da administração, o relatório de tudo o que foi realizado na gestão compreendida entre o dia 1º de junho de 1977 a 28 de fevereiro último — cinco anos e nove meses e que passamos a publicar nesta edição, na sua íntegra:

"Senhor Presidente
Senhores Conselheiros

Estamos chegando ao final do mandato deste Conselho, iniciado no dia 1º de junho de 1977.

São quase seis anos que estamos cumprindo com a missão a nós confiada para gerir os destinos desta instituição.

Um novo Conselho Curador deverá assumir no dia 1º de junho próximo, razão porque desejamos apresentar, hoje, um relatório mesmo que sucinto, mas que deverá espelhar a atividade desenvolvida neste período administrativo, durante o qual sempre contamos com o apoio e o incentivo dos srs. Conselheiros, nos concedendo inclusive plena liberdade de ação e aprovando as medidas que, durante este tempo, temos adotado visando sempre a melhoria dos serviços de atendimento e o crescimento do conceito da nossa instituição no meio da comunidade.

Agradecendo, pois, a confiança a nós depositada desde aquele dia 1º de junho de 1977, passaremos a expor o que nos foi possível fazer nestes quase seis anos de administração. Começaremos pelo serviço de Bibliotecas.

BIBLIOTECA "DR. FRITZ MUELLER"

Ao assumirmos esta direção, encontramos a nossa Biblioteca com um acervo de 56.840 obras catalogadas. Procuramos de toda forma possível atualizar sempre o acervo com novas obras, adquirindo o que os recursos financeiros sempre escassos nos possibilitaram fazer. Assim é que, em 1978, já chegávamos a 59.301 obras, em 1979 a 61.515, em 1980 a 64.261, em 1981 a 67.230 e em 1982 (dezembro), 68.650, com um acréscimo, portanto, sobre o inicial em 1977 de 11.810 livros que durante o período conseguimos adquirir, estabelecendo-se, assim, a média de 2.362 livros por ano. Durante este período de pouco mais de cinco anos, foram concedidos 50.482 empréstimos, o que significa que mais 50 mil pessoas circularam em nossa Biblioteca como assíduos leitores, representando um terço da população. O volume de consulentes também foi extraordinário, já que passaram pelos nossos registros nada menos do que 125.905 consulentes, buscando em nossas estantes variadas obras. Também neste período, fomos obsequiados com o recebimento, em doação, de 10.556 obras. Na aquisição de livros novos durante o período, conseguimos investir a impor-

tância de Cr\$ 341.535,20. Foram registradas 8.327 novas inscrições, ou seja, o aumento sucessivo de novos leitores chegou até este número. Recebemos pelas inscrições de novos leitores, a importância de Cr\$ 92.900,00, na sua quase totalidade aplicada na compra de novas obras.

AMPLIAÇÃO — Em face do crescimento da frequência de usuários e da exigências de espaço físico para melhorar as estantes, determinamos, logo no nosso primeiro ano de trabalho, a remoção de paredes, ampliando assim a capacidade da nossa Biblioteca.

DESABAMENTO — Com séria ameaça de desabamento do teto, providenciamos de imediato o reforço por meio de linhas de sustentação e apoio, em 1979, eliminando de vez o problema.

INCÊNDIO — Ainda em 1979, tivemos um princípio de incêndio no prédio da Biblioteca, em face da deficiência da instalação existente. Por isso, promovemos a substituição de toda a instalação elétrica e adotando dispositivo de segurança para impedir a repetição do sinistro.

BIBLIOTECARIA — Em 1982, graças à colaboração do prefeito Renato Vianna e o maior empenho e boa vontade do atual prefeito Dalto dos Reis que então era Secretário de Administração, conseguimos uma Bibliotecária — a Srta. Maria Aparecida Battistela, contratada pela municipalidade e colocada à disposição da Fundação pela Secretaria de Administração para prestar serviços profissionais na Biblioteca.

DATILOGRAFIA — Valendo-nos de uma oferta do conselheiro Elimar Baumgartem que mantinha anexo ao seu escritório um curso de datilografia para pessoas sem recursos, transferimos para a nossa Biblioteca, numa pequena sala aos fundos, o citado curso, recebendo inclusive, por empréstimo, do referido conselheiro, a máquina de datilografia em estado de nova.

BIBLIOTECA AMBULANTE — Dia 1º de julho de 1977, colocamos em execução o plano já então existente de lançar um trabalho de Biblioteca Ambulante, com o uso de um veículo Kombi que a Fundação recebeu por doação do Rotary Clube de Blumenau. Esta Ambulante iniciou seus trabalhos com um acervo de 500 livros, chegando hoje a 3.248. Realizou no período de 1º/7/77 até 31/12/82, 42.216 empréstimos, atendeu a 5.598 consultas, fez 6.831 inscrições e arrecadou Cr\$ 88.600,00 de inscrições, tendo percorrido 98 localidades, com 717 visitas durante o mesmo período'.

O sr. Francisco Filgueiras, que aposentou-se no ano passado, foi novamente admitido nas mesmas funções de responsável pela nossa Biblioteca e em cujo cargo tem prestado assinalados serviços à Fundação.

O ARQUIVO HISTÓRICO E O MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL

Em princípios de 1981, fomos obsequiados com a designação, por parte da Prefeitura, por iniciativa do presidente do Conselho, no exercício das funções de Assessor Jurídico da municipalidade, da professora Suely Maria Vanzuita Petry para auxiliar na reorganização do Arquivo Histórico e no Museu da Família Colonial e também o poeta

Vilson do Nascimento para a Assessoria de Cultura. Dona Suely têm se dedicado de maneira admirável ao seu trabalho, possuidora que é do curso superior de História. Publicou inclusive o livro "Os Clubes de Caca e Tiro da Região de Blumenau", em defesa de tese de mestrado. Hoje ela exerce oficialmente as funções de Chefe do Departamento Histórico desta instituição, abrangendo o Museu e o Arquivo. Porém, não tem sido possível atender às necessidades de ampliação do serviço de catalogação e novos registros de documentos e fotos, em face da exigüidade do espaço físico existente. Com a transferência da administração municipal para o novo prédio, requeremos a ocupação da ala que vinha sendo utilizada pela Câmara Municipal para ali instalar, mesmo que em caráter não definido, o atual acervo do Arquivo, com o que melhoramos a posição do documentário em uso e à disponibilidade dos pesquisadores, assim como abrimos espaço para ampliar e estabelecer, na sua plenitude, a mostra do Museu, que acha-se com muitas peças guardadas em recintos não visitáveis por falta de espaço físico. Assim, dentro de uns sessenta dias, esperamos já poder mostrar a nova fase do Museu da Família Colonial bem assim do Arquivo Histórico sem deixar de alimentar a esperança de muito breve, podermos iniciar a construção do prédio que abrigará definitivamente o acervo histórico de nossa cidade. Durante o período, o nosso Arquivo Histórico também foi grandemente favorecido com a doação de numerosos documentos e fotos históricas que em muito enriqueceram o acervo.

PARQUE GRÁFICO — No nosso primeiro ano de administração, contando com a boa vontade do conselheiro Honorato Tomelin, conseguimos trazer para este local a oficina gráfica de sua propriedade, ocasião em que firmado um protocolo de comodato por prazo indeterminado. Graças a esta iniciativa, passamos a desenvolver uma produção muito maior e rentável que possibilitou equilibrar o nosso orçamento e não sobrecarregar tanto os cofres municipais. Além desta vantagem financeira, a Fundação possibilitou-se ainda a cumprir o terceiro item dos objetivos da instituição impressos do lado interno da contra-capa da revista "Blumenau em Cadernos". Assim editamos, ou re-editamos, a partir de 1978, as seguintes obras: "O Doutor Blumenau", 1978; "Entre a Enxada e o Microscópio", 1978; "Cronografia do Dr. Blumenau", 3ª edição 1978, todos de autoria do Prof. José Ferreira da Silva; "Glória Sem Rumor", 1979, de Roquete Pinto. "Enchentes Periódicas", do Prof. R. Klein, 1979. — AEMA; "Paul Hering", de Frederico Kilian, 1979; "AEMA — UMA EXPERIÊNCIA LOCAL DE PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE", 1ª edição, 1979; "Limpeza Pública", de Mauro Melo, 1979; "Contistas de Blumenau", em co-edição com a Editora Lunardelli, 1979; "Cronologia da Família Hering", de Frederico Kilian, 1980; "AEMA — Uma Experiência....." 2ª edição, 1981; "O Mesmo Canto Natural e Outros Poemas", de Martinho Bruning, 1980; "Limpeza Pública — Administração e Aproveitamento dos Resíduos Urbanos — Mauro Melo — 1980; "História Romanceada de Blumenau e do Seu Fundador", romance histórico de Nemésio Heusi — 1981; "A Alemanha que eu Vivi", de Altair Carlos Pimpão, 1982.

"Resistência", poemas de Roberto D. Saut, 1982; "Os Clubes de Caça e Tiro da Região de Blumenau", de Suely Maria V. Petry, 1982; "Brusque, Essas Ruas que Eu Amo", de Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, 1982; "Nossas Lembranças", coletânea de poemas — Timbó — 1982; "Poetas de Blumenau", coletânea, 1982; Contistas de Blumenau II", Antologia de Contos, 1980; "O Cidadão de Três Pátrias", de J. Gonçalves, romance histórico, 1982; "A Fundação de Itajaí, sua História. Seu Romance", 1983, Nemésio Heusi; "Genealogia das Famílias Berri e Pisetta e a Fundação de Rodeio", de Aléssio Berri, 1983, em encardenação: "Espelhos da Alma", romance ficção, de J. Gonçalves, 1983, no prélio; "Figuras e Lugares", de Enéas Athanázio 1983, em composição.

Além destas obras, ainda editamos durante todos estes anos, a revista trimestral "Notícias de Vicente Só", de Brusque, "Blumenau em Cadernos", mensalmente sem sofrer uma interrupção sequer, o "Boletim Oficial", da Prefeitura de Blumenau, edições trimensais sem interrupção e o "Livro de Leis, Decretos e Portarias, edições anuais, sendo que a deste ano deverá atingir cerca de 550 páginas.

Como vemos, justifica-se plenamente o nosso esforço em preservar e desenvolver o parque gráfico. Ao fazermos este registro, é justo destacar aqui o trabalho profissional admirável de Bernardo Tomelin, responsável por todo o complexo gráfico e que tem dado o melhor de seus esforços e de sua capacidade profissional para o êxito até aqui obtido nas edições relacionadas. Hoje as oficinas estão num só local, tanto a de obras quanto a de imprensa propriamente dito.

Para a manutenção normal das edições de "Blumenau em Cadernos", sempre contamos e cada vez mais com a colaboração das firmas e pessoas relacionadas no lado interno da capa da revista. Anualmente, na sua quase totalidade, elas aumentam em cem por cento a colaboração, numa demonstração espontânea do valor e da importância que atribuem às edições da revista que se não temos conseguido melhorar constantemente no seu conteúdo histórico, é por falta de maior número de colaboradores que escasseiam ao correr dos tempos. Assim mesmo temos recebido incentivo, estímulos e aplausos, inclusive no aumento constante, mesmo que lento, do número de assinantes que hoje alcança o número de cerca de setecentos que pagam suas anuidades sendo que a tiragem está em 1.100 exemplares.

CENTRO DE CULTURA — Com a transferência da administração municipal para o novo prédio, o então prefeito Ramiro Ruediger assinou decreto transferindo a responsabilidade da administração daquele complexo para a Fundação "Casa Dr. Blumenau". Todavia, isto não foi possível a nós atender ao que estabelece o decreto, em vista de grande parte da área ainda estar sendo ocupada por departamentos da municipalidade e de ter havido uma tomada de posição antecipada por diversos setores que passaram a ocupar as dependências, contrariando inclusive as atribuições em princípios dadas ao Conselho Municipal de Cultura. Em face do problema surgido, tão logo assumiu o cargo de prefeito o sr. Dalto dos Reis, nós elaboramos

uma sugestão em forma de projeto de lei, com justificativa-mensagem para ser encaminhada à Câmara, com termos que, adicionados ao esboço e regulamentação da lei 1.835, de 7 de abril de 1.982, daria à Fundação condições específicas e poderes totais para esta administração e para colocar em ordem a administração daquele complexo. O projeto de lei foi entregue ao sr. Prefeito e estamos aguardando solução”.

A opinião dos que nos visitam

— Claro que nos valeu a pena visitar este Museu da Família Colonial. Somos mineiros vindos de Uberaba, ficamos admirados com a boa ordem de tudo. Parabéns! Antônio F. Souza — Alexandre Barbosa de Souza — Maria Barbosa de Souza e Juliane Maria Barbosa de Souza. — Uberaba. Minas Gerais.

— Foi uma idéia feliz nos proporcionar voltar aos tempos passados, através deste Museu da Família Colonial de Blumenau, pois pudemos sentir a pujança desta terra e dos bravos pioneiros. — A. O. Fernandes — São Paulo.

— Foi este o Museu mais original que já vi em toda a minha vida. — Evandro Francisco e esposa. — Vitória - E. S.

— Como diretora de um museu dou os parabéns aos organizadores e mantenedores do Museu da Família Colonial pela ordem, bom gosto no expôr e caletânea do acervo reunido. - Lourdes Noronha Pinto - Diretora do Museu de Tradições e Arte Popular de Porto Alegre.

— Para nós que viemos de São Paulo, ficamos admirados com a preservação, ordem e limpeza, O Museu mais bem cuidado que já vimos. A natureza em integração com antiguidades, nos fez transportar ao passado, através de objetos e observações. — Dener e Dalsa - São Paulo.

— Tudo muito original neste Museu da Família Colonial. Lindo demais, conservem, pois é digno de ser visto por todos que venham a Blumenau. — Dilma Renata - Rio de Janeiro.

— Eu vim de São Bento do Sul e adorei o Museu da Família Colonial. Tudo uma beleza, os objetos, tudo muito bem guardado, o jardim é a coisa mais linda que eu já vi. As aves, os animais, os macaquinhos, tudo. Eu vi um animalzinho muito bonito correndo no parque. Pelo que eu imagino deve ser uma cutia. Este Museu é uma beleza. — Carla Patrícia Moes - São Bento do Sul.

— O passado é o alicerce do presente e a alavanca do futuro. Pa-

rabéns pela ordem, exemplo, conservação. Continuem com este Museu.
— Luiz Carlos Mazul Cunha - São Paulo.

— Parabéns. Conservar a memória de uma época é exemplo de povo culto. Um exemplo a ser seguido. V. S. Coelho — Blumenau.

— Isto aqui é maravilhoso, e eu acho que não tem preço. Pena que poucas pessoas de Blumenau conheçam este recanto de paz. — Anita de Souza - Blumenau.

— É muito bonito e bem organizado. E mais uma coisa: Este lugar traz uma paz incrível! — Sônia de Souza, - Blumenau.

— Muito bonito e interessante o Museu da Família Colonial. Valeu a pena conhecer Blumenau. — A. C. Durões - São José do Rio Preto - SP.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU" PRESTA HOMENAGEM A EDITH GAERTNER

Por ocasião da passagem dos 104 anos de nascimento de Edith Gaertner, sobrinha-neta do Dr. Blumenau e que foi a doadora de todo o patrimônio daquela instituição, abrangendo hoje o Parque Botânico que tem o seu nome, o Museu da Família Colonial e as três construções que lhe pertenceram, fazendo colocar no seu túmulo, localizado no Cemitério Evangélico, uma coroa de flores, bem como ornamentou o pedestal do busto que se encontra à entrada do Parque Botânico. Edith Gaertner viveu muitos anos e os últimos de sua vida ocupando o local em que hoje se encontra o complexo histórico-cultural da Fundação "Casa Dr. Blumenau". O aniversário de seu nascimento ocorreu no dia 22 de março. Ela nasceu neste dia, no ano de 1879. Uma das grandes atrações do Parque Botânico é o cemitério de gatos que ela formou com tanto carinho, para sepultar os bichanos que com ela conviveram tantos anos e dela receberam o maior carinho e amor.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

VIA BRASIL - SANTA CATARINA

